

# DO DESENHO GRÁFICO AO DESENHO URBANO

## Edifícios de caráter religioso no arranjo espacial das primeiras vilas de Pernambuco

### *FROM THE GRAPHIC DESIGN AT THE URBAN DESIGN*

*Religious character buildings in the spacial arrange-  
ment of the first villages of Pernambuco*

**Resumo:** Esta proposta de discussão trata da relação entre arquitetura e geografia e como a primeira se apropria da segunda para acontecer. Consiste em um dos temas que há 14 anos vem sendo investigado pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem (FAU-UFAL), tendo a iconografia histórica como a fonte básica de investigação. Partindo do pressuposto de que o ambiente edificado é resultado de intervenções físicas no sítio geográfico, esta discussão versa sobre o estudo comparativo do desenho urbano de seis vilas pernambucanas, baseando-se na decomposição de seus elementos naturais e edificados, buscando entender até que ponto suas instalações foram previsíveis e até que ponto curvaram-se às expressões do sítio no processo de constituição do espaço físico de cada uma delas, no contexto de sua representação e de sua construção. Portanto, a discussão, que foca especialmente os edifícios de caráter religioso, atenta para uma questão pouco explorada em estudos acerca da formação física das vilas coloniais, qual seja, o pragmatismo urbanístico.

**Palavras-chave:** Edifícios de caráter religioso, vilas pernambucanas, iconografia histórica.

**Abstract:** This proposal of discussion is about the relationship of architecture and geography and how the first of them appropriates of the second one to succeed. It consists of one of the issues that 14 years ago are being investigated by the Research Group of Landscape Studies (FAU-UFAL), and it has the historical iconography as their primary source of research. Assuming that the built environment is the result of physical intervening in a geographical location, this discussion is about the assessment of the urban design of six villages in Pernambuco, based on the decomposition of its natural and built elements, expecting to understand how far the location of their facilities were predictable and how far they followed the expressions of the site in their constitution process over the physical space of each of them, in the context of its representation and its construction. Therefore, the discussion focuses specifically on religious buildings, attempting a characteristic few explored in the studies of the physical formation of colonial villages, namely, urban pragmatism.

**Keywords:** Buildings of religious character, villages of Pernambuco, historical iconography.

## **Pernambuco nos primeiros registros do novo mundo**

A Capitania de Pernambuco foi doada por D. João III a Duarte Coelho Pereira em 10 de março de 1534, donatário mencionado com tom de orgulho nos textos produzidos na primeira metade do século XX, referentes à formação político-urbana de Pernambuco, devido a sua situação enquanto a mais próspera economicamente da região Nordeste, baseada na cultura canavieira dos mais de “[...] sessenta e seis engenhos por alli disseminados em 1584 – no Brazil existiam ao todo cento e vinte – produziam mais de duzentas mil arrobas de assucar, e não davam vencimento a canna.” (LIMA, 1895, p. 33)

Além de sua condição de potencial econômico-colonial, outro fator coloca essa capitania em situação de destaque no contexto quinhentista. Ainda na primeira metade do século XVI, Duarte Coelho funda as vilas de Igarassu (1536) e de Olinda (1537), representando esta última a sede da Colônia. No século seguinte, outras quatro povoações foram elevadas à categoria de vila: Serinhaém (1627), Porto Calvo (1636), Alagoas do Sul (1636) e São Francisco (1636). Pernambuco consistia, pois, na segunda capitania oficialmente mais povoada do Nordeste brasileiro no século XVII, seguindo apenas a Capitania da Bahia, a qual, na mesma época, possuía o número de 8 vilas e 1 cidade. (FILHO, 1968)



**Figura 1: Contornos do mapa do Brasil localizando os limites da antiga Capitania de Pernambuco na região Nordeste, com as suas vilas no século XVII.**

Fonte: Machado (2009).

Devido a um conjunto de fatores – como a importância de mapear as áreas de extração do açúcar, por exemplo, e mesmo a própria necessidade de reconhecimento da terra recém-conquistada –, teve-se como decorrência a produção de uma série de registros textuais e iconográficos dessa expansão ultramarina. O contexto da exploração das terras americanas nos séculos XVI e XVII caracterizou-se, pois, por uma experiência de investigação mundial onde se intensifica a descoberta e o conhecimento do Outro. (SILVA; MACHADO, 2004)

Esses constituem relatórios e relatos que descrevem, dentre outros aspectos, os lugares povoados, com linguagem à maneira de diário ou de forma mais sistematizada enquanto resultado de uma encomenda real, como os escritos de Pero de Magalhães Gândavo (1576), Gabriel Soares Souza (1587) e Diogo de Campos Moreno (1609,1616). As obras de Moreno são ilustradas, sendo o registro de 1616 acompanhado por desenhos elaborados por Luís Teixeira, o qual inaugura o trabalho produzido por uma família de cartógrafos reais que irá se destacar, dentre a produção iconográfica portuguesa, pela quantidade e expressividade de registro da costa brasileira, com os atlas elaborados por seu filho João Teixeira Albernaz<sup>1</sup>.

No século XVII, além do legado português, conta-se com o extraordinário acervo de imagens produzido pelos holandeses, especialmente durante a presença de Maurício

de Nassau no Brasil (1637-1644), o qual se fez acompanhar por uma comitiva constituída por cartógrafos, pintores, naturalistas e cientistas. A atuação de Nassau no Brasil foi minuciosamente narrada por Gaspar Barléus em sua obra *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*. Publicado em 1647, o livro é magnificamente ilustrado com mapas, plantas e vistas produzidos por George Marcgrave e Frans Post registrando as capitânicas conquistadas pelos holandeses, sendo a região do Recife, península onde estaria situado o porto de Olinda, e a chamada Ilha de Antônio Vaz, honradas com um maior número de registros imagéticos.

Os registros dessas vilas, elaborados por Post, coloca-as no patamar de outras cidades europeias também retratadas por ele, sendo consideradas as primeiras pinturas de paisagem do Novo Mundo. (LAGO, 2006)



**Figura 2: Imagens de Olinda e de Igarassu elaboradas por George Marcgrave e Frans Post.**  
Fonte: Barléus (1637).

Os holandeses registraram as terras nordestinas conquistadas também em forma de textos, além daquele produzido por Barléus (1637), como os relatórios de Adrian Verdonck (1630), Joan de Laet (1636) e Adrian Van der Dussen (1639). Esses participaram da comitiva nassoviana ao Brasil e registraram, em forma de listagens e de descrições, as áreas povoadas, rios e outras estruturas edificadas que conformavam a ocupação portuguesa das capitânicas, inclusive as construções holandesas essencialmente de caráter militar.

Esse material refere-se a uma série de localidades urbanas, mas se concentra no registro da região Nordeste, destacando neste universo a Capitania de Pernambuco por obviamente sediar o governo colonial português e, no século XVII, o governo holandês, colocando-a em situação privilegiada para a realização de estudos baseados em fontes seiscentistas, especialmente as iconográficas. Além de registrarem o desenvolvimento dos processos de representação da época, as imagens, ao darem visibilidade às vilas seiscentistas de Pernambuco, permitem apreender tentativas urbanísticas que se valem das conquistas renascentistas trazidas pelo avanço da lógica matemática e do empirismo pragmático vigentes em Portugal. (CARITA, 1999, p. 150)

A partir da observação desse legado, este artigo registra discussões sobre como determinadas estruturas edificadas que compunham a paisagem da Capitania de Pernambuco se imprimem no sítio geográfico e como se articulam entre si, especialmente tipos arquitetônicos de caráter religioso enquanto um dos componentes urbanos essenciais na constituição de uma vila.

## Arquitetura e geografia na construção da paisagem colonial

Seria difícil saber como eram as expressões físicas das cenas urbanas encontradas pelos europeus nos primeiros momentos de formação da paisagem nordestina edificada se não houvesse restado inúmeros registros deixados por eles.

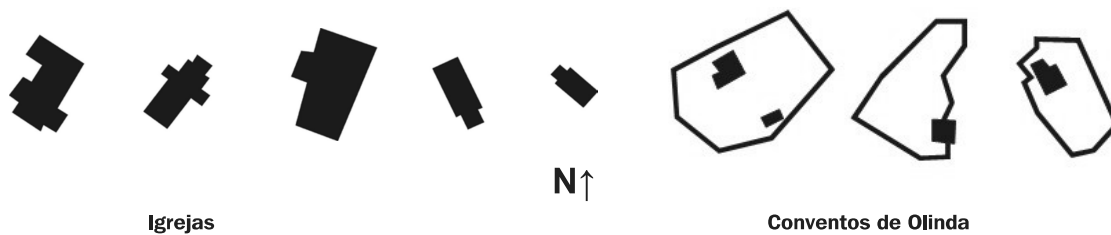
A observação dessas antigas imagens indicou certas recorrências de registro de referências geográficas e estruturas edificadas, desde complexos de engenhos, casario e mesmo caminhos. No caso de edifícios de caráter religioso, todas as vilas comportam pelo menos uma capela nesse período, e obviamente, participarão efetivamente do arranjo espacial das vilas, interferindo nesse espaço através de seu porte, desenho, orientação e localização.

CONTEÚDO IDENTIFICADO / LOCALIDADE		Igarassu	Olinda	Serinhaém	Porto Calvo	Alagoa do Sul	São Francisco
Construções portuguesas de segurança	Reduto		1			1	
	Forte			1	1		
Edifícios de caráter religioso	Igreja	1	5	2	1	1	1
	Capela			1			
	Convento	1	3	1			
Edifícios de caráter administrativo			1	1			1

Figura 3: Quadro geral da sistematização dos dados urbanísticos colhidos de fontes seiscentistas textuais e imagéticas acerca de vilas situadas na Capitania de Pernambuco.

Além da escala macro, tais representações carregam um certo nível de detalhamento de maneira a permitir o reconhecimento de definições de partidos de planta, tais como os dos conventos existentes na Vila de Olinda (Conventos Franciscano, Carmelita e Jesuíta) e de um tipo arquitetônico basicamente conformado por um espaço fechado, o edifício, e uma área livre cercada por muros.

Contudo, para observar a paisagem edificada de uma vila é preciso atentar para as características do meio físico enquanto base dessas estruturas e mesmo enquanto face definidora de sua situação geográfica.

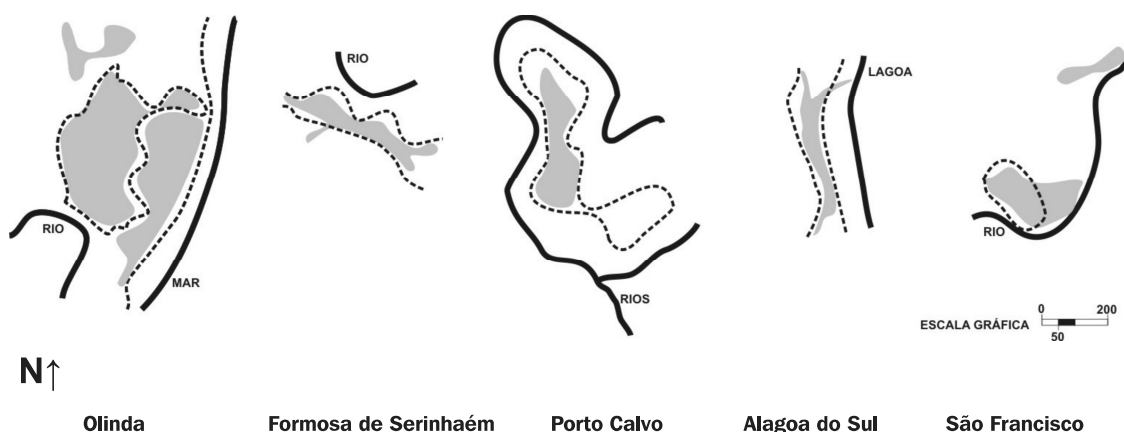


**Figura 4:** Na sequência, infográficos das vilas de Olinda, Serinhaém, Porto Calvo, Alagoa do Sul e São Francisco, sintetizando graficamente a representação de suas igrejas e conventos.

Fonte: Machado (2009).

As manchas de ocupação urbana que compõem o esquema gráfico abaixo abrangem os limites demarcados pelos sinais de construções reconhecidos nas plantas de Marcgrave, que tiveram suas escalas gráficas ajustadas entre si para permitir uma melhor visualização das áreas tomadas por edifícios de cada vila e os caminhos existentes entre seus espaços de contiguidade edificada. Ressalta-se que as manchas aparentam homogeneidade de abrangência, mas essas abordam diferentes situações de contiguidade de construções (edifícios e caminhos). As curvas de nível foram demarcadas seguindo as diferenciações de tonalidade da representação das plantas.

A situação geográfica das aglomerações urbanas das antigas vilas estudadas indica que essas foram instaladas em regiões próximas a massas de água, como rios (vilas de Igarassu, Olinda, Formosa de Serinhaém, Porto Calvo e São Francisco), lagoa (Vila de Alagoa do Sul) e o mar (Vila de Olinda), que funcionam como principais vias de acesso, como notado na revisão dos relatos de época.



**Figura 5:** Esquemas gráficos das vilas estudadas baseados em detalhes das plantas de Marcgrave, demonstrando as relações de situação geográfica e ocupação urbana entre as massas de água (linhas contínuas) existentes nas suas proximidades, a concentração de construções, inclusive alguns caminhos (manchas claras), e os níveis topográficos (linhas tracejadas).

Fonte: Machado (2009).

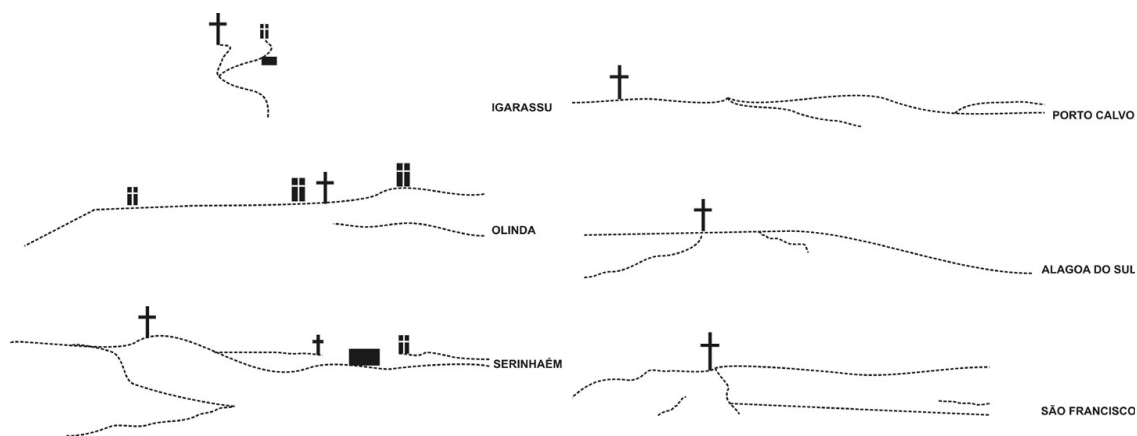
Através da observação da locação do conjunto edificado, bem como da relação entre este e o sítio geográfico, também se pode notar que a concentração urbana das vilas se deu em regiões de topografia acidentada. A marcação dos níveis do relevo denuncia que a concentração urbana da maioria das localidades, no século XVII, ocupou área relativamente plana do topo de um monte, havendo sinais de construções na trajetória que a liga às margens das massas de água. Tal situação de locação pode ser notada mais diretamente nas representações que registram as vilas de São Francisco e de Alagoa do Sul, como também Olinda, se considerarmos as ruínas de sua muralha que marcam os limites entre a praia e um dos planos do relevo.

Esse esquema permite a visualização de situações urbanas relativas à extensão do assentamento das vilas. As massas edificadas de Serinhaém e de Alagoa do Sul ocupam longitudinalmente um espaço no sentido noroeste-sudeste. São Francisco e Porto Calvo apresentam uma ocupação urbana que se estende no sentido leste-oeste e norte-sul, respectivamente, sendo que a primeira apresenta ainda uma mancha edificada com proporções menores de contiguidade de construções situada ao norte do núcleo urbano da vila. Olinda apresenta uma ocupação urbana de sentido radioconcêntrico. De uma maneira ou de outra, vê-se que a extensão urbana desse conjunto de vilas tende a acompanhar as linhas das margens das massas de água.

No esquema gráfico da Vila de Olinda há duas indicações de cota de nível: uma consistindo naquela que limita a área de concentração de edifícios, e outra quase paralela ao desenho definido pelas margens do mar, ocupada por uma muralha que encerra o espaço de planalto e de planície da região, como pode ser percebido na Olinda representada por Frans Post.

A partir desses esquemas, pode-se também visualizar com mais clareza o local de assentamento das vilas, mostrando que as construções, sejam elas edifícios ou caminhos, foram instaladas em áreas com cotas de nível diferenciadas, como o caso de Olinda e de São Francisco, e mesmo os gráficos das vilas de Serinhaém e de Alagoa do Sul, cujas manchas apresentam uma discreta extensão em direção ao rio e a lagoa, respectivamente. Entretanto, a maior parcela do conjunto edificado dessas localidades ocupa uma área de um nível topográfico único. Dentro do conjunto de vilas estudadas, Porto Calvo é a única cuja ocupação urbana parece estar totalmente inserida num topo de um monte, se forem desconsiderados os vários percursos periféricos que cortam a região registrada no enquadramento da planta elaborada por Marcgrave.

Comparando essas informações com aquelas indicadas pelas paisagens pintadas por Post, nota-se que os topos dos montes ocupados pelas vilas, como registrado por Marcgrave, são, na verdade, caracterizados por um relevo ondulado.



**Figura 6:** Marcação das igrejas e capelas (†), de conventos (||), de edifícios de caráter administrativo (■) e de caminhos que indicam a trama que acompanha a ondulação do relevo reconhecidos nas imagens elaboradas por Frans Post.

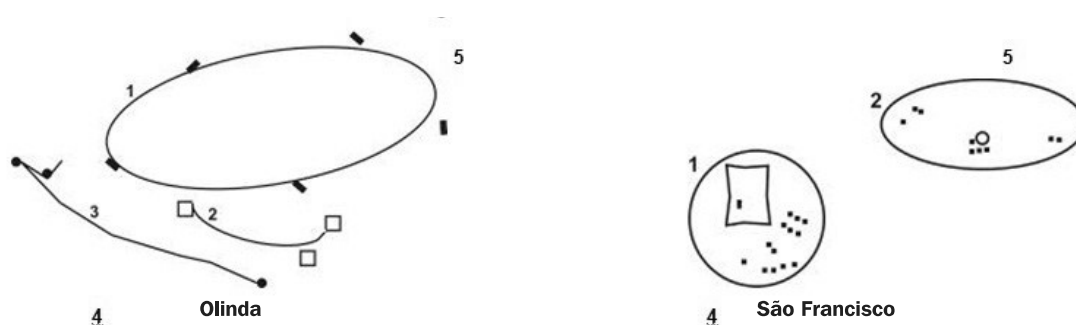
Fonte: Machado (2009).

Os direcionamentos desiguais dos prováveis percursos entre os edifícios marcados no conjunto imagético abaixo demonstram tal caracterização do relevo. A única representação de Igarassu que este artigo se vale – a vista elaborada por Frans Post e que ilustra a obra de Gaspar Barléus –, como se viu, é também a única dentre as imagens analisadas que consiste no registro de um ponto de visada do interior da vila. Esse ambiente foi representado com uma discreta situação de declive sugerida pela localização das figuras humanas, da locação de construções em ruínas em primeiro plano, da igreja e do convento ao fundo.

Relativamente à localização desses edifícios, as igrejas estão dispostas seguindo orientações diferenciadas, também ocupando uma região periférica ao núcleo urbano massivamente ocupado pelo casario, salvo a de Serinhaém, que se encontra em meio à parte do casario. No caso de Olinda, tais edifícios conformam uma espécie de limite que circunscreve o casario (1). Ainda na representação de Olinda, um outro limite reconhecido é aquele composto pelo conjunto de conventos (2) – Carmelita, Franciscano e Jesuíta –, que estão todos situados numa área determinada da concentração urbana; e um terceiro alinhamento é reconhecido no registro iconográfico seiscentista de Olinda, correspondendo aos muros e estruturas fortificadas (3), que encerram um espaço caracterizado pela concentração de edifícios e o exterior, uma área desocupada. A situação urbana da Vila de São Francisco, tal como foi registrada iconograficamente no século XVII, não permite a clara identificação de um limite definido pelos edifícios, salvo aquele formado pelas linhas do Forte Maurício que circunscreve a igreja. Tal registro mostra que a organização urbana se dá na expressão de dois núcleos ocupados: um conformado pela igreja e conjunto de construções situado nas proximidades do porto (4), e outro formando pelos edifícios em torno da casa do governador (5). Nas plantas das vilas de Serinhaém e de Alagoa do Sul, a área ocupada por edifícios equivale quase à área de enquadramento da imagem: a primeira tendo como pontos

extremos de ocupação a casa do governador e o convento; e a segunda, o reduto e uma estrutura edificada não identificada. Na planta de Porto Calvo também é possível reconhecer um limite de ocupação de edifícios definido pela igreja e pela fortificação, mesmo dentro de sua abrangência de representação ampliada.

Quanto à situação geográfica desses edifícios, nota-se que as igrejas ocupam uma área mais alta do terreno acidentado, seguidas dos conventos – que estão situados em uma região intermediária entre as igrejas e as estruturas fortificadas que delimitam o núcleo com a concentração de edifícios e as massas de água –, como pode ser percebido nas representações em planta baixa das vilas de Olinda e de Serinhaém. Vê-se ainda que a maioria das igrejas está locada em áreas livres de edifícios.



**Figura 7: Esquema de alinhamentos de tipos arquitetônicos considerando a localização e a disposição dos edifícios existentes nas vilas de Olinda e São Francisco, baseado nos mapas elaborados por George Marcgrave, que compõem o Livro de Gaspar Barléus, publicado em 1647.**

Fonte: Machado (2009).

Como visto anteriormente, não há tantas aproximações entre as localidades em termos de orientação da extensão urbana. Contudo, há uma grande semelhança entre elas em termos de locação da massa urbana em relação à caracterização do sítio. A julgar pelas imagens de Margrave, todas as vilas apresentam uma massa edificada que ocupa uma área plana de um monte com extensão no sentido longitudinal às massas de água. A Vila de São Francisco apresenta parte de sua ocupação urbana no sentido transversal, que vai das margens do rio até o topo do monte onde está situada a igreja.

Em síntese, os edifícios de caráter religioso (conventos, capelas e igrejas) integram a contiguidade urbana das vilas juntamente com os de caráter administrativo, o casario e os edifícios de segurança, tais como redutos, fortes e a própria muralha no caso de Olinda. Essas vilas apresentam, pois, uma certa homogeneidade no que diz respeito aos tipos arquitetônicos e à quantidade de edifícios instalados, destacando-se Olinda, com um número de construções superior que as demais, e a de Serinhaém por ser a única que possui uma capela. Observa-se também uma variedade de locação dos edifícios eclesiásticos, sendo a igreja mais comumente situada no ponto mais alto dos montes, os conventos em local mais afastado da concentração de edifícios, mas



guardando a característica de situarem-se nas extremidades da área urbanamente enquadrada nas imagens.

Contudo, mesmo reconhecendo aproximações entre tipos arquitetônicos e situação geográfica, as vilas possuem feições particularizadas geradas pelo jogo de composição entre a caracterização de cada sítio e da locação dos conjuntos edificados.

## **Arquitetura para além de suas paredes**

Esses estudos comparativos mostraram que as intervenções arquitetônicas no meio físico impressas nas vilas apresentam aspectos de assentamento e estruturação urbana recorrentes, que vão desde a escolha do sítio ocupado até a locação de determinados edifícios, indicando que, no contexto da representação, elas compartilham de uma lógica comum de assentamento.

Por outro lado, as situações urbanas das vilas contrapostas entre si fogem à ideia de terem adotado um modelo (um formato, um procedimento tido como invariável) de implantação, por não compartilharem da imagem de um planejamento rígido, sugerindo terem seguido padrões de métodos (um modo de operar) de princípios de assentamento, que permitem a formação múltipla de resultados, como se, de certa forma, o lugar dissesse como as vilas deveriam ser...

Na verdade, em um tempo marcado pela falta de independência tecnológica, o processo de construção de edifícios inevitavelmente contava com os recursos da natureza, desde a oferta de material até as formas e movimentos de seus elementos, tais como o relevo e os percursos de rios considerados na disposição de determinados ambientes (a exemplo de latrinas e cozinha) para favorecê-los funcionalmente. No caso da instalação da arquitetura monástica, a própria essência funcional e ideológica requeria essa adaptação com o sítio, considerando seu caráter de sustentabilidade.

Os resultados analíticos da iconografia histórica demonstram, pois, que as vilas estudadas pautaram-se por uma proposta urbana que atenta para as características topográficas. O sítio apresentou-se como ingrediente fundamental no desenho urbano, trazendo um forte argumento para que fossem dotadas de personificação paisagística.

Assim, falar de um conjunto de localidades é se deparar também com suas situações particulares. Isso foi o que nos levou a conjecturar que os núcleos urbanos implantados em um determinado contexto temporal, geográfico e ideológico, como aqueles chamados de vila, têm um desenho semelhante de assentamento, ao mesmo tempo em que apresentam configurações personalizadas considerando, sobretudo, o jogo espacial arranjado pelas construções de caráter religioso, cuja força determinou zonas, fluxos e limites.

**Roseline Vanessa Oliveira Machado** - Arquiteta e Urbanista formada na Universidade Federal

de Alagoas (UFAL-1999), mestre (2002) e doutora (2009) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia/Universidade do Algarve (Portugal). É professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL, onde atua também como pesquisadora do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem e tutora do Programa de Educação Tutorial. É consultora da FAPEAL e membro do Conselho Editorial da EDUFAL. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Patrimônio, atuando principalmente nos seguintes temas: história urbanística, iconografia e design.

---

## Notas

1 Ver os seguintes títulos:

ALBERNAZ, Luís Teixeira. *Roteiro de todos os sinaes, conhecimento, fundos, baixos, alturas, e derrotas, que há na costa do Brasil desde o Cabo de Santo Agostinho até o estreito de Magalhães, de Luís Teixeira Albernaz*. Edição fac-similada do manuscrito da Biblioteca da Ajuda (1582-1585). Leitura, introdução e notas de Melba Ferreira da Costa. Lisboa: Tagol, 1988.

ALBERNAZ, João Teixeira. *Estado do Brasil Coligido das mais sertãs noticias q pode aiuntar dõ leronimo de Atayde, por João Teixeira Albernaz, cosmographo de Sua Magde, anno 1631*. Mapoteca do Itamarati – Ministério das Relações Exteriores/Rio de Janeiro.

ALBERNAZ, João Teixeira. *Descrição de todo o marítimo da terra de S. Cruz, chamado vulgarmente, o Brasil. Feito por João Teixeira cosmógrafo de Sua Magestade. Anno de 1640, por João Teixeira Albernaz*. Lisboa: Aeroportos de Portugal. Edição integral, fac-similada a cores, do códice pertencente ao Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, de Lisboa.

## Referências

ALBERNAZ, Luís Teixeira. *Roteiro de todos os sinaes, conhecimento, fundos, baixos, alturas, e derrotas, que há na costa do Brasil desde o Cabo de Santo Agostinho até o estreito de Magalhães, de Luís Teixeira Albernaz*. Edição fac-similada do manuscrito da Biblioteca da Ajuda (1582-1585). Leitura, introdução e notas de Melba Ferreira da Costa. Lisboa: Tagol, 1988.

ALBERNAZ, João Teixeira. *Estado do Brasil Coligido das mais sertãs noticias q pode aiuntar dõ leronimo de Atayde, por João Teixeira Albernaz, cosmographo de Sua Magde, anno 1631*. Mapoteca do Itamarati – Ministério das Relações Exteriores/Rio de Janeiro.

ALBERNAZ, João Teixeira. *Descrição de todo o marítimo da terra de S. Cruz, chamado vulgarmente, o Brasil. Feito por João Teixeira cosmógrafo de Sua Magestade. Anno de 1640, por João Teixeira Albernaz*. Lisboa: Aeroportos de Portugal. Edição integral, fac-similada a cores, do códice pertencente ao Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, de Lisboa. BARLÉU, Gaspar. *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*. (1647). Rio de Janeiro: Instituto da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 2004. (CD-ROM)

CARITA, Helder. *Lisboa manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna, 1495-1521*. Lisboa: Horizonte, 1999.

FILHO, Nestor Goulart Reis. *Contribuição ao Estudo da Evolução Urbana no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1968.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. *Tratado da terra e história do Brasil (1576)*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1995.

LAGO, Beatriz; LAGO, Pedro Corrêa do. *FRANS POST {1612-1680} Obra Completa*. Rio de Janeiro: Capivara, 2006.

LIMA, Hélio Costa. A cidade Frederica: reconstituição da planta da Capital da Paraíba do século XVII. In: *X Seminário de História da Cidade e do Urbanismo – Cidade, território e urbanismo: heranças e inovações*. Recife: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada – CECI, 2008. (CD-ROM)

MACHADO, Roseline V. O. *Pernambuco no papel: o desenho de seis vilas coloniais no contexto da representação iconográfica de Albernaz, Marcgrave e Post*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

MORENO, Diogo de Campos. *Livro que dá rezão ao estado do Brasil, 1616*. Lisboa: Edições João Sa

da Costa, 1999. Edição fac-similada do Códice da Biblioteca Pública do Porto.

SILVA, Maria Angélica da; MACHADO, Roseline Vanessa Oliveira. Qua Patet Orbis: Maurício de Nassau e o regístro do mundo. In: *X Seminario internacional en ciencias sociales y humanidades – Viajeiros, científicos y migrantes: la constituicion de una comunidad mundial de intelectuales*. Santiago do Chile, 2004.

SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado descriptivo do Brasil em 1587*. Comentários de Francisco Adolpho de Varnhagem. 3.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.